

## **O último romance que eu li foi no Youtube: representações da literatura na escola pública soteropolitana**

Mestrando Ricardo Horacio Piera Chacón (UNEB PPGEL)

### **Resumo:**

*Este trabalho, sob a ótica da Teoria das Representações Sociais, filiada a Serge Moskvici, tem como objetivo analisar representações da leitura literária e da literatura, tomando como base entrevistas realizadas com 04 (quatro) estudantes da rede pública do ensino médio da cidade do Salvador. Leitura literária e literatura são abordadas a partir dos estudos de Terry Eagleton, Tzvetan Todorov, Hans Robert Jauss e Michéle Petit. A Leitura é entendida do ponto de vista dos estudos da Sociologia da Leitura de Bernard Lahire, Christine Détrez e Chantal Horellou-Lafarge. Os dados lançados pela pesquisa foram decompostos através de uma análise temática visando à construção de categorias de análise que permitissem uma reflexão acerca da tradição das práticas de leitura de literatura no ensino médio brasileiro.*

**Palavras-chave:** literatura, leitura literária, leitor, escola.

### **1 Introdução**

Práticas e representações constituem aspectos comuns à vida de todo indivíduo. Cotidianamente, pessoas levam a cabo atividades pautadas em representações acerca de um ou de outro objeto cultural, assim como constroem representações a partir das práticas do dia a dia. Estas práticas e representações tanto são determinadas, segundo Serge Moskvici (2000), pelas influências sociais da comunicação, quanto transmitidas através da linguagem, gerando opiniões e ideias acerca deste ou daquele objeto. A leitura, a literatura e a escola, como categorias e/ou espaços culturais, não escapam a esta relação, entendida, assim, como uma relação circular.

No entanto, não pode falar-se de leitura de literatura na escola sem antes definir-se de que leitura, de que literatura e de que escola se trata. De fato, a constatação feita por Tzvetan Todorov (2007), de que a literatura sofre na escola uma espécie de redução que a faz chegar aos limites do absurdo só não tem encontrado maior acolhida no seio dessa instituição por razões vinculadas, dentre outros aspectos, ao conceito de Campo Literário, cunhado por Pierre Bourdieu (1992), mas do qual não se trata a rigor no presente artigo. Efetivamente, na minha prática profissional de professor do ensino médio durante mais de uma década, venho percebendo a pouca presença do texto literário em sala de aula, em detrimento da Teoria ou da Historiografia Literária.

Entretanto, antes de iniciar a exposição da análise dos dados recolhidos, faz-se necessário esclarecer algumas questões referidas ao motor da minha pesquisa, ao título da mesma e aos métodos usados para a sua consecução. Quando da realização do meu Trabalho de Conclusão de Curso, levei a cabo uma pesquisa de campo, de ordem

qualitativa, visando a entender representações da leitura e do leitor de estudantes do sistema público do ensino médio da cidade do Salvador.

Um fenômeno chamou particularmente a minha atenção durante o processo de análise dos dados: a maioria dos meus entrevistados não declarava nada a respeito da literatura, senão quando ‘guiados’ por mim para tal efeito. No entanto, o teor das entrevistas consistia, grosso modo, na maneira em que eles se compreendiam enquanto leitores. Não foi revelador verificar que grande parte deles atrelava a leitura aos processos de aprendizagem que estavam vivenciando na escola: a leitura como ferramenta para o bom desempenho escolar.

Pode-se notar esta motivação para ler na fala de Fani, uma das entrevistadas, quem declara semelhantemente aos outros três informantes:

Eu sempre to tentando estar lendo um livro e assim também aqui na escola os professores sempre, principalmente o professor de português, tão sempre incentivando, dando um livro, ah, essa unidade tal livro que vocês vão ler. A gente tem que ler pra fazer um trabalho, essas coisas...o professor passou um teste inclusive essa semana e foi sobre o livro. É uma leitura que eu vou ler pra entender, pra compreender e pra tirar algo de interessante pra mim, pra com isso fazer o trabalho que seja, que o professor passou.

Fani acredita que a leitura literária poderá trazer algo de bom para ela mesma, sem deixar de frisar várias vezes, porém, que, em última instância, ‘esse bom’ está relacionado com o resultado do trabalho escolar.

Todavia, o fato de o texto literário quase não aparecer na fala deles levou-me a questionar de que maneira acontecia, caso acontecesse, a leitura dos textos literários em sala de aula. Seria pertinente pensar que eles não se identificavam com estas leituras e, em consequência, não as lembravam? Ou o problema estaria na ausência de leitura literária nas salas de aula da escola?

Fazendo, depois de alguns meses, mais uma revisão dos dados, dentre as muitas que realizei, atentei-me, como antes não me atentara, para uma fala de uma entrevistada, Tami, que declarava:

O último romance que eu li foi no Youtube, que se passava, as frases falando sobre um rapaz que doou o seu... a sua visão pra uma pessoa que ele amava muito, eu gostei bastante... tinha um vídeo e passava as frases assim... *slides*... gostei bastante... o último romance que eu gostei.

Essa fala parece, no mínimo, intrigante, se não inquietante. Surgiu, destarte, uma necessidade de entender de que maneira esses estudantes veem a literatura: como a entendem? Como a vivenciam? Qual o grau de familiaridade com ela? O que consideram literatura? Essa fala poderia desvelar um profundo desconhecimento do que seria um romance; mas poderia, por outro lado, abrir um mundo ignorado por mim, um mundo de leitura literária que talvez circulasse em outros suportes e espaços, que não os do livro, das livrarias, das bibliotecas ou das salas das nossas casas.

Resolvi, então, levar a cabo uma nova pesquisa com um grupo maior de estudantes do ensino médio de uma escola pública soteropolitana, para tentar entender as variadas representações que circulam no mundo escolar, e fora dele, sobre a literatura, entre os jovens. Este artigo constitui-se, assim, em um recorte do meu Trabalho de Conclusão de Curso, dentro do contexto de pesquisa e produção da minha dissertação de mestrado, em

andamento, cujo escopo centra-se nas relações entre literatura, campo literário, escola e leitor.

Os excertos utilizados para a sua constituição foram tomados do material colhido na primeira pesquisa, para a qual selecionou-se um grupo de informantes que apresentam alguns referenciais de amostragem que permitem analisá-los enquanto grupo representativo. Todos eles são alunos da mesma escola estadual situada no bairro de Pernambues, na capital baiana e frequentam esta escola desde, pelo menos, a 6ª série, sendo que todos são moradores do bairro. Todos encontravam-se à época das entrevistas cursando o último ano do ensino médio. Todos pertenciam à mesma turma. A faixa etária oscila entre os 17 e os 18 anos. A cota de amostragem foi de 02 mulheres e 02 homens, posto que, segundo os dados lançados pelo último censo 2010 do IBGE, há no Brasil 100 mulheres para cada 95,9 homens, ou seja, os gêneros masculino e feminino encontram-se igualmente distribuídos no país.

Vamos, então, adentrar-nos nas falas destes estudantes, para ver o que elas podem revelar, em relação à leitura e, em particular, à literatura.

## 2 Nas entrelinhas da leitura

Bernard Lahire (2004) sustenta que uma pesquisa em leitura deve levar-se a cabo com o intuito de constatar que nem todos entram em contato com os textos em iguais condições, nem com a mesma intensidade. O que se entende por leitura de literatura? Quais são os filtros culturais e cognitivos que encobrem a relação que existe entre as reais práticas de leitura literária e o que se declara a respeito delas?

Vivemos em um mundo em que a escrita e, portanto, a leitura, segundo Chantal Horellou-Lafarge (2010) exigem um permanente estado de atenção; um mundo em que é necessário ler para fazer as coisas, para agir sobre elas. Ler tem deixado de ser *per se*, para os estudiosos do tema, sinônimo de leitura de livros. A leitura encontra-se em todos os âmbitos da vida social, desde o e-mail até o cartaz do ônibus, passando pelo texto literário.

No entanto, ler ou não ler, segundo Christine Détrez (2004), são acepções universais que englobam ao mesmo tempo a ideia da leitura escolar e da leitura pessoal, mas também, constituem uma representação dividida entre estas duas definições, que são vistas geralmente como atividades antagônicas. Quem declara ler, declara ler o que é definido como leitura pela escola ou a leitura da sua própria escolha?

Tami diz em um momento da sua entrevista:

Eu gosto de ler, eu tenho alguns livros em casa, ah, eu leio, ah, eu tenho Gabriela de Jorge Amado, eu tenho Tieta, e eu gosto de ler, assim, livros, jornais, esses negócios, sempre gosto de estar atualizada.

Repare-se na intercalação das afirmações ‘eu leio’ e ‘eu tenho’. A posse do livro denota por si só a leitura do mesmo? Jorge Amado é um dos autores mais comentados nos meios de comunicação de massa e nas escolas da Bahia. Tami é a mesma estudante que declara ter sido no Youtube onde leu pela última vez um romance. Porém, quando solicitada a narrar o lido, conta-nos uma história que não conseguimos reconhecer. Terá ela clareza do que é um romance? Ou confundirá romance com qualquer tipo de narrativa?

### 1.1 A leitura da narrativa: entre estradas velhas e autopistas *high tech*

A respeito desta última questão, pode-se pensar, a título de reflexão, nas palavras de

Todorov (2007), para quem, o campo da literatura abrange o poema, o romance, a novela, a obra dramática e todo o vasto domínio da narrativa destinada ao uso público ou pessoal, incluídos o ensaio e a reflexão. Estará tão longe da realidade Tami ao declarar que leu um romance no Youtube? Há mais chances de este tipo de narrativa não se enquadrar dentro das formas próprias ao romance nem dos protocolos para a sua leitura. Essa fala pode mostrar, entretanto, que Tami talvez associe a palavra romance com qualquer forma de narrativa considerando-a, portanto, a forma de expressão da literatura.

Nessa esteira, para Terry Eagleton (1985), a literatura é uma linguagem não delimitável, sem essência, variante de acordo com os juízos de valor das sociedades em que circula. O pensamento de Eagleton (1985) nos leva a questionar, deixando as classificações feitas pela teoria literária propositadamente de lado, se não poderia pensar-se que uma história veiculada no Youtube não poderia chegar a se constituir como uma forma de narrativa que a escola pudesse acolher no seu seio. Teria que se tratar, certamente, de uma narrativa capaz de provocar o que Hans Robert Jauss (1972) denomina de experiência estética, por meio de uma atualização que permitisse que os jovens renovassem a sua percepção do mundo, identificando-se com os fatos e/ou os personagens.

Seria tão pouco realista pensar-se que isto poderia chegar a acontecer, assim como as narrativas veiculadas em jornais no século XIX no Brasil foram capazes de criar as condições para a emergência de um Machado de Assis, considerado um gênio literário? A internet já oferece páginas de romances em mangás, em sites como o mangahost.com, por exemplo. No próprio Youtube podem-se encontrar áudio-livros de romances canônicos como *A metamorfose* de Franz Kafka, *Memórias de um sargento de milícias*, de Manoel Antônio de Almeida e *Viagens na minha terra*, de Almeida Garret, por citar só alguns. Um estudo do teor dos comentários escritos, como de costume, embaixo do vídeo poderia ser uma interessante maneira de pesquisar novos protocolos de leitura literária.

As lembranças do cotidiano das aulas, porém, evidenciam a ligação que ainda existe entre a leitura e o mundo escolar. Contudo, entre a leitura imposta pela escola e a leitura da própria escolha, a fala dos informantes transparece um predomínio da prática da leitura enquanto atividade intramuros. A fala de Mateus, assim como a dos outros informantes, ilustra dita questão:

Esses livros de literatura em geral, que vêm com escritores daqui do Brasil mesmo, assim, eu leio, mas eu não fico, eu não gosto tanto do mesmo tanto que eu gosto dos livros de história... ultimamente eu to lendo um livro que foi até assunto da prova da UFBA, *Cartas de Fradique Mendes*, eu to lendo esse livro... são livros que são importantes porque falam de assuntos que são importantes aqui dentro do colégio.

A maioria destes títulos lembrados pelos jovens são romances ou contos indicados pelos vestibulares mais concorridos do Estado como o da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e o da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). A leitura declarada é a leitura de autores canonizados pela crítica. Assim, Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade; e produções como *Gabriela, cravo e canela*, *Tieta do Agreste*, *Vidas Secas*, *O cortiço*, *Cartas de Fradique Mendes* e *Cadernos Negros* são citados logo pela maioria destes jovens.

## 1.2 Em quadrinhos, vídeos ou livros: ler

Seguindo o raciocínio até agora proposto, é interessante a constatação de que todos os informantes declararam outras leituras que estavam silenciadas. Porém, só depois de consultados por elas. Oscar, após muito falar sobre a importância da leitura para ter um bom desempenho escolar, declara:

Rapaz, é um negócio meio complicado de falar porque é como eu falei antes, eu não tenho tanto tempo pra leitura. Se eu dedicar em um dia, 40 minutos de leitura, é no máximo...há dias a qual, pra distrair eu vou ler alguma revista em quadrinho... em tudo que a gente, que eu possa esquecer um pouco da realidade e poder curtir.

A maioria diz gostar de histórias em quadrinhos como a *Turma da Mônica* ou *Zezinho*. No entanto, colocam esta leitura no âmbito da diversão, separando-a da leitura de literatura. As histórias em quadrinhos não são validadas como material de um jovem que eles considerem um leitor literário.

Da fala de Oscar pode-se entender que, para ele, a literatura não proporciona diversão, a literatura o mantém ligado à realidade. Mas a literatura é, na maioria das vezes, um convite a um mundo imaginário onde o leitor poderá divertir-se, fruir, ao tempo em que renova a sua percepção do mundo, do homem e de si mesmo. Não estará Oscar se referindo à realidade de ter que cumprir com as tarefas escolares relacionadas mais à teoria ou à historiografia literária do que a própria arte literária?

Quem sabe se a escola forma-se leitores literários, lendo textos literários em sala de aula, permitindo que os jovens se aproximassem de uma experiência estética à guisa de Jauss (1972), haveria menos confusão entre três significantes que a escola tem tratado a miúdo como sinônimos: teoria, historiografia e arte literária.

Segundo Todorov (2007), esta defasagem entre a não leitura do texto literário e a supremacia da Teoria ou da Historiografia Literária, na escola, cria uma relação que acaba relegando a literatura a um papel de mero material ilustrativo dos métodos teóricos criados para sua análise. Literatura, Historiografia e Teoria Literária não se constituem em diferentes significantes para o mesmo significado.

Por outro lado, a história em quadrinhos, segundo Michele Petit (2009), continua a ser um gênero não legitimado, visto unicamente como diversão não só pelos jovens, mas pela escola em geral, embora tenha passado a configurar a lista dos bens culturais consagrados pelo grande público há um bom tempo. Para Petit (2009), longe de proporcionar mera diversão, a história em quadrinhos tem a propriedade de, em momentos de transformações dramáticas, dar ao leitor uma sensação de permanência através de séries que possibilitam voltar a achar os heróis no mesmo espaço, e sempre similares ao leitor que se identifica com eles. No período do ensino médio, particularmente no terceiro ano, em que os jovens vivem momentos de muito estresse e mutações nem sempre pacíficas, não poderia ser reconfortante e construtivo poder encontrar essa sensação de permanência junto a um mediador por excelência, como o professor?

### **3 A aula: uma sala de leitura?**

A sala de aula é, dentre todos os lugares o mais controvertido, pelos paradoxos que apresenta. A leitura conforma o trabalho pedagógico e, como já vimos nas falas destes jovens, marca presença como conteúdo e instrumento de avaliação. No entanto, na fala de Tami percebe-se que ela é pouco praticada no cotidiano da turma:

Os professores chega na sala, entrega o papel, oh, alunos, aqui esse papel você lê em casa e muitos alunos às vezes não se interessam pra poder ler [...] quem lê é quem vai explicar lá na frente.

A fala de Fani vem reforçar esta ideia sobre a não leitura em sala de aula, embora o professor muitas vezes dela se utilize para passar o conteúdo que será posteriormente avaliado:

O professor passou um teste também inclusive essa semana passada e foi sobre o livro [...] o professor infelizmente ta de licença com problemas de saúde, aí, esse livro a gente não chegou a conversar [...] conversa, faz perguntas, às vezes até a gente lendo, aí achou coisas interessantes, chega na sala, comenta com ele e ele também gosta muito, incentiva muito.

Compreende-se que a prática em relação à leitura limita-se a conversar, comentar sobre o conteúdo lido, mas não se lê efetivamente dentro da sala de aula. Não precisaria a escola entender que a prática da leitura literária longe de ser um fator que impede o avanço com os conteúdos formais, pode tornar-se um poderoso aliado na sua aquisição?

A escola não deveria, assim, ser um dos motores das mudanças para que a leitura de literatura, de todo tipo, entre no âmbito das categorias sociais visíveis, para que os jovens se compreendam e se entendam enquanto leitores literários? Caberia, quiçá, neste ponto, uma pesquisa na esteira do pensamento de Bourdieu (2011) sobre a economia das trocas simbólicas e sobre a constituição do campo da escola, para tentar entender em que medida a escola tem sido, através das suas práticas, detentora de um papel de conservação e reprodução do *status quo* literário ligado aos interesses de um pequeno grupo de agentes do campo literário e não às demandas do grande público não-produtor.

## **Conclusão**

Em tempos tão conturbados, de relações endurecidas pelo utilitarismo que tem tomado conta das nossas sociedades, a literatura poderia contribuir, ao lado de outras linguagens e formas de narrativa, como o cinema, os vídeos, as revistas em quadrinhos e os mangás, para a formação e conformação de um grupo social menos coisificado nas suas interações. Mas para isso, imperativo é reformular velhas e enraizadas práticas de transmissão da chamada cultura letrada.

De acordo com Moskovici (2000) é no meio de cenas de embate que nascem e se firmam as representações sociais. Pode se encontrar nas práticas de leitura fora da tutela da escola uma possibilidade de transformação do senso comum quanto à literatura? Na visão de Moskovici (2000), é no curso de uma transformação semelhante que a ancoragem e a objetivação se tornam processos significantes.

Todorov (2000) conta que, quando estudante de literatura na Bulgária dominada pelo jugo soviético, vivia um duplo *standard*, fingindo concordar com as diretrizes impostas pelo Partido Comunista búlgaro ao estudo das obras literárias, mas em privado, lia o que ele desejava e estimava conveniente à sua formação. Será que os jovens de hoje, alunos leitores de outras literaturas e narrativas, ou não, estão dispostos a ‘seguir’ as regras do jogo da escola ou, no mínimo, fingir que concordam com elas? Quais as reais probabilidades atuais de a escola se tornar um lugar de debates e escolhas, em vez de espaço de imposições literárias? Poderá falar-se em algum futuro de ‘escolha em ação’ e não mais de escolarização da literatura?

### Referências Bibliográficas

- 1] BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estruturado campo literário**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- 2] \_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção de Sérgio Miceli. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- 3] DÉTREZ, Christine. *Una encuesta longitudinal sobre las prácticas de lectura de los adolescentes*. In: LAHIRE, Bernard (Org.). **Sociología de la lectura**. Trad. Hilda H. García. Barcelona: Gedisa, 2004.
- 4] EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Trad. Waltensir Dutra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- 5] HORELLOU-LAFARGE, Chantal; Segré, Monique. **Sociologia da leitura**. Trad. Mauro Gama. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.
- 6] JAUSS, Hans Robert. **Pequeña apología de la experiencia estética**. Barcelona: Ediciones Paidós, 2002.
- 7] MOSKOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- 8] PETIT, Michele. **A arte de ler: ou como resistir à adversidade**. Trad. Arthur Bueno, Camila Boldrini. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- 9] TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. 4. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.